

REPRESENTAÇÕES DE PAISAGENS HISTÓRICO- -ETNOGRÁFICAS DA MACAU OITOCENTISTA NO DIÁRIO DE JOSEPH FRYE (1853)

*Rogério Miguel Puga**

Sumário: Em 1853, durante a sua estada na Ásia e no âmbito da missão do comodoro Perry ao Japão, o marinheiro norte-americano Joseph Fry redige um diário com um destinatário específico em mente, a sua mulher. A narrativa intimista descreve vários elementos histórico-etnográficos das paisagens visual, sonora e olfactiva da Macau oitocentista (alguns dos quais exóticos), nomeadamente as tancareiras, uma peculiar família portuguesa e a Gruta de Camões, representação essa que estudaremos ao longo deste nosso estudo, destacando os principais alvos de interesse do viajante anglófono quando visita o enclave.

Abstract: In 1853, during his stay in Asia and the mission of Commodore Perry to Japan, the North-American sailor Joseph Fry kept a diary with a specific reader in mind, his wife. The personal narrative describes several ethno-historical elements of the visual/sound and smellscape of nineteenth-century Macao, namely the tanka women, a peculiar Portuguese family and the Camões Cave, representations that we will study in this paper, highlighting the main points of interest of the Anglophone visitor in the enclave.

Em 1853, o capitão norte-americano Joseph Fry (1826-1873), um dos membros da tripulação da expedição do comodoro Matthew C. Perry ao Japão (1852-1853), visitou Macau enquanto esperava que o referido diplomata chegasse à China (do Japão), descrevendo a paisagem (sobretudo) histórica e etnográfica do enclave sino-português, nomeadamente a Gruta de Camões, uma família portuguesa e as tancareiras. O diário de viagem vai sendo redigido para um destinatário específico, a mulher do autor, e algumas secções do mesmo são publicadas por Jeanie Mort Walker no ano da morte de Fry numa biografia-homenagem *The Life of Capt. Joseph Fry*:

* FCSH, Universidade Nova de Lisboa e ESE, Instituto Politécnico de Lisboa.

The Cuban Martyr (1875), pelo que nos deteremos nessas secções que são do conhecimento do público anglófono. Ocupamo-nos assim da descrição do enclave representado num texto diarístico, e logo intimista, de um marinheiro norte-americano, fonte que nos permite estudar a forma como os viajantes anglófonos observavam, filtram e textualizam esse espaço de cariz também lusófono na China e que paisagens do território interpretam, recorrendo ao visualismo, para o leitor norte-americano que ficou ‘em casa’.

Tal como indicam os títulos das sete partes que constituem o *Handbook of Urban Studies* (PADDISON 2001: 1-11), a cidade pode ser lida como economia, ambiente, multidão ecléctica, política, (discurso do) poder e progresso/transição, exigindo essa variedade de dimensões uma abordagem pluridisciplinar de espaços humanos e históricos como Macau, urbe que é evidenciada enquanto tal quando Fry descreve sobretudo a comunidade étnica chinesa que habita os rios do Sul da China e a Gruta de Camões, monumento histórico e literário de cariz português e símbolo das seculares relações e intercâmbios luso-chineses. Se os estudos urbanos advogam a necessidade de se interpretar a cidade através de uma perspectiva multidisciplinar,¹ Carlos Rotella (1998: 3, 14-15) chama a atenção para o facto de espaços urbanos, como Macau no texto de Fry, serem obviamente também “moldados” pela imaginação, e, como veremos, pelo ‘horizonte de expectativas’² do leitor explícito da narrativa (a mulher de Fry), enquanto Joachim von der Thüsen (2005: 1-3) aborda a urbe como metáfora, metonímia e símbolo na literatura ocidental, tipologia de que partimos para analisar a representação de Macau enquanto espaço histórico e literário na literatura anglófona e especificamente no diário de Fry:

on the symbolical level, the city is seen as an image of something larger than itself [...]. Literature has both celebrated the city as the supreme expression of wealth, of energy, of the amalgam of living styles and, conversely, as representative of modern society’s ills, its anonymity, egotism, oppression, and anxiety. [...] On the metaphorical level of image-making, the city is represented in terms of relatively concrete constructs and processes that often have no overt connection to urban life. Thus the city is seen as a body, monster, jungle, ocean or volcano. Such metaphorical equations usually have an ideological quality. [...] Such subsequent images complement each other or, as more often happens, cancel each other. [...] On the metonymic level [...] the image of the city is made up of customs, structures and buildings which are specific to that particular city.

¹ Vide Caws (1993: 1-12); Lehan (1998: 8-9); Lynch (2000: 1-13); Bridge e Watson (2003: 1) e Thüsen (2005:1).

² Para uma definição de ‘horizonte de expectativas’, vejam-se Iser (1978:99) e Jauss (1982:88).

Como o autor afirma na sequência destas palavras, a imagem da urbe não é homogénea, consistindo num conjunto de “visões” parciais e heterogéneas, fenómeno que se verifica no diário de Fry através da representação de Macau a partir de uma comunidade chinesa e da monumentalidade histórica da cidade. O enclave luso-chinês marca presença na tradição da Escrita de Viagens anglófona (sobretudo inglesa e norte-americana) desde o século XVI, embora essa presença seja reforçada a partir da década de 1840, após a fundação de Hong Kong, de onde muitos viajantes partem para conhecer Macau. A maioria das descrições do território tem início, como vemos também através do diário de Fry, quando o viajante chega à rada de Macau, partindo do geral para o particular, como verificamos também no relato de viagem de George Bennett (1834:27): “This ancient colony of the Portuguese, in China, has a very picturesque and romantic aspect on approaching it from the sea”. As igrejas e fortalezas altaneiras, as ilhas adjacentes, a população fluvial e as românticas ruínas ilustram normalmente a primeira impressão da cidade simultaneamente pitoresca e decadente, que de longe mais parece uma aldeia portuguesa ou mediterrânica, não fossem os templos e outras construções orientais e a população maioritariamente chinesa (THOMSON 1875: 275, 277). Após percorrer as sinuosas e calcetadas vielas e os “filthy little Macao alleys” (CLAVELL 1981: 19), o visitante (e certamente Fry) familiariza-se com o território a desvendar, recolhendo impressões de monumentos como a Casa Garden, a Gruta de Camões (BRASSEY 1889: 370-375), os edifícios de prestígio portugueses como o Leal Senado, a Santa Casa da Misericórdia e os muitos conventos, fortes, igrejas e moradias que adornam a orla da Praia Grande, onde chegam os tancás e juncos que transportam os viajantes da rada até aos portos interior e exterior (WATHEN 1814:169-176). Como veremos, o primeiro contacto de Fry com Macau e com a China faz-se através da população fluvial feminina de Macau, as tancareiras, afastando-se o visitante da população nativa e da população portuguesa uma vez em Macau, não só mas também por razões linguísticas, culturais e religiosas.

Quando o comodoro Perry partiu de Norfolk em Novembro de 1852, Fry já se encontrava na Ásia, para onde se dirigira no ano anterior a bordo do navio de guerra norte-americano *Plymouth*, rumo à chamada East India Station. Ao vapor do comodoro Perry, o *Mississippi*, juntar-se-iam mais tarde diversas embarcações (quer vindas dos EUA, quer as que já se encontravam na East India Station), e como o comodoro proibira a tripulação de comentar os movimentos da frota, o diário apresenta sobre-

tudo pensamentos, sentimentos (a saudade da família) do marinheiro antes de descrever o que observa, ouve e pensa (“And now for Macao, and what I felt, and did”) (FRY 1875:103), permitindo-nos esses elementos estudar de que forma o Outro chinês e português é filtrado pelo autor. Em Macau, no ano de 1853, Fry esperava ter notícias da expedição ao Japão e da família, confessando à mulher: ‘When Commodore Perry arrives, we shall be kept so busy that time will fly rapidly, and we shall soon be looking forward to our return home, unless Japan disturbances (which are not seriously anticipated) delay us’ (FRY 103).

A EXPEDIÇÃO DE PERRY E OS RELATOS DE VIAGEM

O *Mississippi* junta-se aos barcos de guerra *Plymouth* e *Saratoga* e ao barco de carga simbolicamente chamado *Supply* (para o qual Fry seria mais tarde transferido) em Hong Kong no mês de Julho de 1853, encontrando-se o *Susquebanna* em Xangai, onde se juntou a outros barcos de guerra antes do encontro final da frota de Perry nas ilhas Luchu, antes de se dirigir para o destino final, a baía de Yedo, na cidade de Uraga. Como é sabido, antes da expedição de Perry outras expedições navais norte-americanas haviam visitado o Japão e desde a década de 1790 que navios e mercadores norte-americanos comercializavam em Nagasáqui através dos holandeses e tentavam estabelecer relações comerciais com o Japão. Em 1846 o governo norte-americano envia o comandante James Biddle, e em 1849 o capitão James Glynn para tentar iniciar negociações comerciais com o Japão, missões que abriram caminho para a do comodoro. Perry foi recebido pelas autoridades japonesas em Kurihama (actual Yokosuka), dirigindo-se posteriormente para Hong Kong, de onde regressou ao Japão para mais negociações em Fevereiro de 1854, com uma frota ainda maior. A 31 de Março é assinada a Convenção de Kanagawa, que (ao estabelecer uma relação de amizade e paz entre o Japão e os EUA) abre dois portos japoneses (Shimoda e Hakodate) aos barcos americanos, garante ajuda a embarcações norte-americanas em águas japonesas e permite a tripulações adquirir mantimentos em portos nipónicos. Perry regressou aos EUA através de Hong Kong no vapor britânico *Hindustan*, chegou a Nova Iorque a 12 de Janeiro de 1855, e mais tarde publica a *Narrative of the Expedition of an American Squadron to the China Seas and Japan*, em 3 volumes (1856-1858), redigida por Francis L. Hawks e Thomas Tomes sob a sua supervisão, e ilustrada pelos artistas Wilhelm

Heine (1827-1885) e Eliphalet M. Brown, Jr. (1816-1886), que participaram na expedição (HAWKS 1856). William Heine também descreveu a viagem da missão em *With Perry to Japan: A Memoir*, cujos capítulos 8 e 9 são dedicados ao 'Interval of rest in Macao' e Hong Kong (HEINE 1990: 77). Alguns membros da expedição que visitaram Macau acabaram por falecer no enclave, por exemplo, o tenente Joseph Harold Adams, neto do segundo presidente norte-americano John Adams (1735-1826), que faleceu em 1853 e foi sepultado no Cemitério Protestante da urbe. Foram assim diversos os oficiais que participaram na expedição de Perry e descreveram a viagem e as suas experiências na Ásia, entre os quais o autor-marinheiro de que nos ocupamos.

O AUTOR

Joseph Fry, filho do advogado Samuel Fry e de Marie Louise Senac, de origem francesa e espanhola, estudou em Albany (estado de Nova Iorque) e trabalhou para um dos seus tios até decidir tornar-se marinheiro. Alistou-se na Marinha em 1841 e enquanto esteve na Escola Naval, em Annapolis, fez várias viagens. Trabalhou na fragata *Missouri*, que foi queimada perto de Gibraltar, e, mais tarde, seria promovido a aspirante da Marinha e viajaria para o golfo do México, a bordo do *Vixen*, durante a guerra entre os EUA e o México (1846-1848) após a anexação do Texas pelos EUA em 1845.³ Aos 23 anos de idade casa com a sua prima Agnes Evelina Sands, e em 1851 é colocado no comando da escuna *William A. Grabam*, uma embarcação governamental para visitas exploratórias costeiras.⁴ Fry abandona a investigação costeira e é transferido para o navio de guerra *Plymouth*, a bordo do qual viaja para a Ásia. Na sua expedição à China redige um diário para a sua mulher, tarefa que muito lhe agrada: "a delightful recreation when writing with the image of a loved wife in the mind's eye, feeling that the kind heart and loving nature of the beloved one who alone is to peruse the pages will see no faults to condemn, or, if seen, will pardon them".⁵

³ Sobre a Guerra entre o México e os EUA, veja-se Bauer e Johannsen (1992).

⁴ Fry é listado na documentação do Secretary of the Navy (1851: 111) como membro da *coast survey section*.

⁵ Walker (1875: 58); veja-se esse estudo e Evans (1899: 417) para informação sobre Fry.

A 23 de Agosto de 1851, o *Plymouth* deixara Norfolk (Virgínia), e durante a viagem Fry visitou a ilha da Madeira, o Rio de Janeiro, o cabo da Boa Esperança, Java, Batávia, onde experimenta a cozinha exótica, e Singapura, onde visita os templos chineses e hindus que descreve. Fry aprecia as diversas paisagens culturais asiáticas, nas quais confessa as saudades da mulher e da filha bebé: “I expect to see a great deal on this cruise, and I enjoy the prospect of seeing so many strange things, and especially the pleasure I anticipate in telling you of them’ (FRY 50). Durante a longa viagem, Fry também se arrepende de estar longe da sua família e pondera retirar-se da Marinha, mantendo o diário “for his own occupation and his wife’s perusal” (FRY 58).

O *Plymouth* parte de Macau para Amói, via Hong Kong e o diário menciona diversos locais visitados pelo comodoro Perry e pela tripulação da sua frota. Após algum contacto com japoneses, o autor confessa à mulher que deseja ser nomeado como agente ou cônsul residente americano no Japão, um cargo que lhe permitiria continuar os esforços diplomáticos de Perry: ‘By study of the language, customs, habits etc., of the people, I could qualify myself for the effort to induce them to open their ports freely to our commerce, and to communicate with all the rest of the world’ (FRY 540).

Depois da viagem à Ásia, o capitão Fry esteve dois anos no Pensacola Navy Yard e tornou-se membro da Academia de Ciências de Nova Orleães, falecendo em Novembro de 1873 durante o incidente do *Virginus*. A embarcação, que ligava Havana a Nova Orleães comandada por Fry, é capturada na Jamaica pelo navio de guerra espanhol *Tornado*, levado para Santiago de Cuba, onde membros da tripulação e passageiros, incluindo o capitão, são executados como piratas. Após a sua morte, Fry foi homenageado como herói patriota e mártir (WALKER 272), tendo sido dado apoio financeiro à sua mulher e filha através de um fundo público e de várias iniciativas (WALKER 494-571).

REPRESENTAÇÕES DE MACAU NO DIÁRIO DE JOSEPH FRY

Ao chegar a Macau, Fry menciona a longa carta que recebera da mulher, as saudades da família e o quão se sente ‘degraded in serving [...] as a passed midshipman’ (FRY 98), descrevendo a sua primeira ‘visão’ do enclave e a população fluvial, sobretudo as tancaresas. Essas mulheres ‘anfíbias’ que passam a vida nos seus barcos (tancares) decerto interes-

sariam ao leitor explícito dos seus escritos, a mulher, influenciando os seus gostos e expectativas os elementos da paisagem chinesa que o autor selecciona e nos quais a sua observação se demora para os poder partilhar (“You probably know that [...]. You would be astonished to see”) (FRY 100). Os olhares cronotópicos⁶ do diarista e da sua mulher-leitora acompanham assim a viagem:

And now for Macao, and what I saw, felt, and did. You probably know that a very numerous Chinese population lives entirely in boats [...]. They are born, grow up, marry, and raise children in these boats. You would be astonished to see mothers with infants at the breast, managing the sails, oars, and rudder of the boat as expertly as any sailor. The tanka is of very light draft, and, being able to close in shore, is used to land passengers from the larger boats. (FRY: 100).

Pequenos tancares rodeiam gradualmente o *Plymouth* e belas, mas tristes, mulheres chinesas oferecem incessantemente os seus serviços em Chinese Pidgin English: “*Takee me boat! Takee me boat!*” (FRY 100), até que os seus préstimos são contratados pelos recém-chegados: “We were assailed with these cries from so many, and there was such a clamor, that, in self-defense, we had to choose a boat and go” (FRY 101). A imagem acústica ou *soundscape*⁷ é assim um dos primeiros elementos da paisagem cultural chinesa com que os ocidentais têm contacto, ainda na rada do rio das Pérolas, e, a par dos sons, o autor descreve as “exóticas” expressões faciais das tancreiras, ora felizes com novas tarefas, ora desapontadas por não terem trabalho. Para além das imagens sonoras, também as paisagens olfactivas (*smellscapes*) marcam presença na narrativa e enriquecem

⁶ Mikhail Bakhtin (2000: 84) define a dimensão cronotópica de um texto como “the process of assimilating real historical time and space in literature [...] the intrinsic connectedness of temporal and spatial relationships that are artistically expressed in literature [...], it expresses the inseparability of space and time [...]. Spatial and temporal indicators are fused into one carefully thought-out, concrete whole”.

⁷ Os dois tipos de paisagem que acabámos de referir, ou seja, *soundscape* e *smellscapes*, são conceitos relativamente recentes no âmbito dos Estudos Culturais e Literários, e em trabalhos recentes (PUGA 2012) definimos imagem sonora como o conjunto de sons ‘descritos’, sugeridos e/ou reproduzidos num texto literário. O termo-conceito *soundscape* foi cunhado por Raymond Murray Schafer (1933-), com base no termo *landscape*, no âmbito da sua investigação na área da ecologia acústica [*The New Soundscape* (1969), *The Soundscape: Our Sonic Environment and The Tuning of the World* (1977)], e tem vindo a generalizar-se em diversas áreas do Saber. O termo remete para os elementos sonoros presentes no texto literário, nomeadamente sons humanos (vozes, música, ruídos industriais), naturais (clima e fenómenos naturais) ou animais, entre outros.

a paisagem cultural da China, não sendo apenas apresentadas as imagens visuais, assim complementadas por outros ‘pormenores sensoriais’, nomeadamente acústicos e olfácticos, que o viajante atento regista, sobretudo ao chegar a um novo local. Como o diário de Fry revela ao descrever os gritos das tancareiras, a *soundmark* literária encontra-se associada aos sons típicos de um período numa zona geográfica, e, de acordo com E. Thompson, “like a landscape, a soundscape is simultaneously a physical environment and a way of perceiving that environment” (THOMPSON 2004: 1). Por exemplo, após partir de Macau, Fry visita Amói, via Hong Kong, e descreve as suas primeiras impressões dessa urbe: “All Chinese towns have a strong odor, that pervades the atmosphere, and sickens every one unaccustomed to it; but this city of Amoy, has a thousand horrid smells, which gagged and stifled me at every step. I breathed through the folds of my handkerchief, and hurried on. The streets are so narrow that I could almost touch the houses on opposite sides at once.” (FRY 108). A Fry interessam assim também os enredos sonoros e aromáticos, ou seja, os acontecimentos percebidos pela audição e pelo olfacto, e não apenas os visualizados, aproximando-se do turista que Schafer (1993: 212) apresenta a apreciar uma determinada *soundscape*, em busca não de objectos com interesse visual, mas sim de objectos com interesse auditivo, como se verifica nos dois excertos que acabámos de transcrever. Yi-Fu Tuan (1974) e John D. Porteous (1985: 356-78;1990) têm estudado a dimensão olfactiva da experiência geográfica, e este último autor utiliza o termo *smellscape* para aludir à sua dimensão geográfica de determinados aromas: “the concept of smellscape suggests that, like visual impressions, smells may be spatially ordered or place-related” (PORTEOUS 359). Enquanto a paisagem humanizada e arquitectónica e a percebida pela visão não muda de imediato (por exemplo a Gruta de Camões e as tancareiras que permanecem no rio das Pérolas), cheiros e sons aparecem, mais ou menos intensos, e esbatem-se, e, no caso do cheiro que perdura em Amói, poderá inclusive impregnar-se (RODAWAY 2002: 61-81).

A caracterização colectiva das jovens tancareiras como belas inocentes dignas de pena assenta no uso da adjectivação de carga positiva, da enumeração e da comparação (“They had beautiful teeth, white as ivory, brilliant eyes, and their pretty faces, so earnest and pleading”) (FRY 100). Já a violência com que um dos marinheiros trata uma jovem tancareira choca a sensibilidade do diarista, bem como o facto de a conquista de clientes ser um dos maiores feitos no quotidiano dessas ‘marinheiras’ chinesas, cujos maridos se encontram ausentes, na pesca. Fry descreve a

Agnes como essas famílias vivem e trabalhem, e, tal como muitos outros viajantes, utiliza termos e expressões em Chinese Pidgin English, como ‘Joss’,⁸ ao descrever, através de um campo semântico negativo, os pequenos altares, divindades (“looking very fat, and very red, and very stupid”) e oferendas que as tancareiras, “poor idolaters” (FRY 102), erguem nos seus barcos. Aquilo que actualmente designamos orientalismo – como Edward Said (1978) o define – marca assim presença no texto do marinheiro norte-americano, cujo contacto com católicos e chineses é, decerto, reduzido, pelo que este encontra não apenas um Outro para desconstruir ou descodificar, tanto quanto lhe é possível, mas dois: o chinês ‘supersticioso’ e o português católico, e fá-lo através do humor que veicula simultaneamente etnocentrismo e intolerância religiosa. Ao descrever as tancareiras, Fry desenvolve um exercício de interpretação cultural que confere à obra um cariz etnográfico, remetendo essa dimensão para a metáfora elaborada por antropólogos como Clifford Geertz (1993: 9) ao afirmar que os métodos etnográficos utilizados para estudar ou analisar culturas são, até certo ponto, semelhantes à tarefa do crítico literário ao interpretar um texto: ‘sorting out the structures of signification [...] and determining their social ground and import [...]. Doing ethnography is like trying to read (in sense of constructing a reading of) a manuscript’. (GEERTZ 1988: 140). Marcus e Fischer (1996: 30-33) partem da metáfora de Geertz do texto e desenvolvem uma outra, a do diálogo entre o observador participante (autor), a comunidade que está a ser estudada (Macau) e o leitor (anglófono) da monografia quando comunicam com a cultura Outra. Embora Fry não fosse um observador participante, a metáfora ou conceito de um texto-tecido de diferentes culturas na Macau do século XIX ajuda-nos a ilustrar de que forma o enclave funcionou como câmara de descompressão e de aprendizagem (inter)cultural para viajantes, diplomatas e marinheiros ocidentais antes de entrar na China. Esses viajantes, por sua vez, observaram, seleccionaram e textualizaram, à semelhança de Fry, símbolos e cenários humanos quer chineses (as tancareiras), quer portugueses (a família Loureiro), bem como símbolos literários, históricos e naturais lusos, como a Gruta de Camões. Huang (2002), estuda as imagens americanas da China através do conceito de “transpacific displacement of cultural meanings” (2002: 3), que consiste no “historical process of textual migration of cultural meanings, meanings that include linguistic traits, poetics, philosophical ideas, myths, stories, and

⁸ Divindade (corruptela do termo português ‘Deus’).

so on [...] driven in particular by the writer's desire to appropriate, capture, mimic, parody, or revise the Other's signifying practices in an effort to describe the Other." Facilmente entendemos de que forma o texto de Fry participa desse fenómeno ou processo intercultural.

As pequenas embarcações chinesas, microcosmos femininos, e as referências à vida a bordo do marinheiro remetem para a interpretação de Foucault (1986: 27) do barco como heterotopia, um

floating piece of space, a place without a place, that exists by itself, that is closed in on itself and at the same time is given over to the infinity of the sea and that, from port to port, from tack to tack, from brothel to brothel, it goes as far as the colonies in search of the most precious treasures they conceal in their gardens... The boat has not only been for our civilization, from the sixteenth century until the present, the great instrument of economic development [...]and] simultaneously the greatest reserve of the imagination. The ship is the heterotopia par excellence. In civilizations without boats, dreams dry up, espionage takes the place of adventure, and the police take the place of pirates.

Os tancares e as embarcações ocidentais andam de barco/porto em barco/porto e funcionam simultaneamente como instrumentos de desenvolvimento económico e como reserva de imaginação.

As elipses são recorrentes na narrativa de que nos ocupamos, e o autor refere ainda a família portuguesa Loureiro ('Lourero') o cônsul norte-americano e a sua mulher, que o leitor informado identifica, desde logo, como Robert P. de Silver, de Filadélfia (cônsul entre 1840 to 1856)⁹ e a mulher Emily Bo.¹⁰ As jovens filhas de Pedro José da Silva Loureiro — capitão do porto de Macau entre 1847 até falecer, em 12 de Setembro de 1855, casado com Ana Rosa Inocência de Almeida, descendente do barão de S. José de Porto Alegre¹¹ — são descritas como bem-educadas e políglotas no que diz respeito às línguas românicas, mas não ao inglês,

⁹ Sobre Robert P. De Silver em Filadélfia e em Macau (onde uma das suas funções era cobrar impostos das embarcações americanas e enviar relatórios estatísticos para os EUA, actividade que também desenvolvia em Cantão, onde tinha negócios), vejam-se: Griffin (1938: 278-279, 362), Preble (1962:54), Jordan (1911:1505) e Nash (2002:82). Em 1854, Samuel Burge Rawle foi nomeado vice-cônsul e De Silver demitiu-se em 1855, tornando-se Rawle cônsul no ano seguinte. Em Maio de 1866, Admiral Bell mudou o quartel da Marinha norte-americana de Macau para Hong Kong (Tolley 2000:29).

¹⁰ Sobre Emily Bo, veja-se Preble (71, 312).

¹¹ De acordo com Teixeira (1977:46), o casal teve 10 filhos: Genoveva, Pedro José, Luís, Francisco, Eduardo, Maria Luísa, José, Elisa Amália, Ana Rosa e Teresa.

enquanto o senhor Loureiro mostrou ao autor a fruta-sabão (*Sapindus saponaria*) e a respectiva árvore, flora curiosamente sugerida pelo autor como exótica e descoberta em Macau (“The fruit is an exceedingly fine soap, which, without any preparation, is used for washing the finest goods”) (FRY 103), uma vez que a espécie é originária do continente americano. Os residentes portugueses servem assim como informantes para os visitantes ou residentes temporários, veiculando assim informação, lendas e histórias que fazem parte da tradição local e da memória colectiva das diversas comunidades de Macau, possibilitando a sua textualização na Escrita de Viagens anglófona sobre o enclave. No enclave luso-chinês o autor e, através dele, a sua mulher têm acesso a novidades exóticas que descrevem, nomeadamente as tancareiras e a fruta-sabão, recordando-nos que “the exotic [...] is not something that exists prior to its ‘discovery’. It is the very act of discovery which produces the exotic as such [...]. As a construct, the exotic is always up for renegotiation, as an invention, it is always open to reinvention” (MASON 1998: 1). Ao esperar notícias sobre a expedição do comodoro Perry, Fry passa o tempo a visitar a cidade, qual *flâneur*, e opta, como muitos outros autores anglófonos (PUGA 2010), por descrever a Gruta de Camões, que decerto interessará à sua mulher, elemento que invade a narrativa repentinamente:

I did not tell you of my visit to ‘Camoëns’ [sic.] Cave,’ the principal attraction of Macao. This ‘cave’ was the resort of the distinguished Portuguese poet Camoëns, who there wrote the greater part of the ‘Lusiad’. The cave is situated in the midst of the finest wooded walks I ever saw. The grounds are planted beautifully, and immense vases of flowers stand around. The grounds are not level, but lie up the side of a slope or hill, irregular in shape, and precipitous on one side. There are several fine views, particularly that of the harbor and surrounding islands. (FRY 103-104).

Fry cita dados biográficos sobre Camões de autores anteriores, provando que a Escrita de Viagens é, por natureza, intertextual, estabelecendo os diversos autores um diálogo entre si, através de referências, citações e descrições das mesmas paisagens ou práticas culturais. O autor enaltece simbólica e estrategicamente o valor histórico de Macau através da Gruta de Camões ao citar Walter A. Rose, ou seja, inscrevendo na sua narrativa textos de outros autores, estratégia que o auto-caracteriza como autor-leitor informado: “Macao had a particular interest for me as the first foothold that modern civilization obtained upon the ancient shores of ‘far Cathay,’ and as the birthplace of one of the finest epic poems ever written” (FRY 104). O marinheiro descreve os três enormes “boulders of gray

granite” (FRY 105) que constituem a “cavern”, na altura barrada com portais de ferro ‘through which, however, a view of the interior is obtained’. A estrutura de pedra é cuidadosamente representada de forma a permitir à mulher do viajante, também ela *flâneuse* através do texto, visualizar o monumento literário:

On a lofty pedestal in the centre, upon which stands a finely-executed bronze bust of the poet, are three stanzas from the poem in bronze letters. As I stood gazing upon the features of the illustrious bard, my heart echoed a later poet’s sentiment, –

‘Man’s inhumanity to man
Makes countless thousands mourn.’

Fry utiliza assim o texto anterior de Walter A. Rose sobre Macau e dois versos do poema (não identificado) “Man Was Made to Mourn”, de Robert Burns, para referir indirectamente os sofrimentos de Camões no seu suposto exílio asiático, assumindo-se a intertextualidade como uma estratégia privilegiada para veicular os sentimentos do próprio viajante através de emoções já sentidas e cantadas por escritores de renome, enquanto a enumeração e a adjectivação caracterizam a descrição da Gruta: ‘From one of the western terraces the view was magnificent. The declining sun was slowly sloping to rest in the bosom of the sapphire sea, which sparkled and shone with vivid golden light stolen from the rich rays of Phoebus’ (FRY 105-106). A descrição algo poética do monumento e da zona envolvente antecede informação biográfica sobre o bardo luso que perpetua a sua lendária estada em Macau após ter cortejado uma nobre portuguesa. De acordo com o autor, são as “Absurdities of India” de Camões que fazem com que o poeta seja expulso de Goa para as Molucas, a partir de onde ele teria viajado para Macau. Fry e Perry, cujas narrativas partilham características, deverão ter utilizado as mesmas fontes literárias ou recebido informações dos mesmos informantes durante os passeios pela cidade, coincidindo, por exemplo, a explicação do título de *Os Lusíadas*: ‘The derivation of the title of his poem is this: *Lusus*, the companion of Bacchus, is represented to have made Portugal his adopted country. Hence it was called Lusitania, and its natives Lusitani; hence the “Lusiad”, the epic poem of Portugal’ (FRY 106).

Podemos assim concluir que Fry descreve sobretudo as tancareiras, uma peculiar família portuguesa e um monumento literário dedicado a Camões, três *ex-libris* (dois humanos, o outro histórico-literário) de Macau e temas também presentes noutros relatos da missão do comodoro Perry

(TOMES 1857: 77-80), portanto um intertexto do diário de Fry. Embora breve, as descrições reflectem os alvos da atenção de visitantes anglófonos em Macau, permitindo o cruzamento desses olhares a reconstituição caleidoscópica do passado da urbe. Como vimos ao longo deste estudo, a secção do diário editado por Jeanie Mort Walker na biografia-homenagem *The Life of Capt. Joseph Fry: The Cuban Martyr* é marcado pela elipse e pelo resumo pois apenas descreve a chegada à rada de Macau, a população fluvial, os Loureiro e a Gruta de Camões, tendo o autor a sua mulher em mente ao optar por descrever esses cenários humanos, monumentais e naturais do território luso-chinês de meados do século XIX.

OBRAS CITADAS

- BAKTHIN, Mikhail (2000), *The Dialogic Imagination: Four Essays*, introdução e notas de Michael Holquist, University of Texas Press, Austin.
- BAUER, Karl Jack e Robert W. Johannsen (1992), *The Mexican War: 1846-1848*, University of Nebraska Press, Lincoln.
- BENNETT, George (1834), *Wanderings in New South Wales, Batavia, Pedir Coast, Singapore, and China; Being the Journal of a Naturalist in Those Countries, during 1832, 1833, and 1834*, vol. 2, Richard Bentley, Londres.
- BRASSEY, Lady Anna (1889), *Around the World in the Yacht 'Sunbeam'*, Henry Holt, Nova Iorque.
- BRIDGE, Gary e Sophie Watson (eds.) (2003), *A Companion to the City*, Blackwell, Oxford.
- CAWS, Mary Ann (ed. (1993), *City Images: Perspectives from Literature, Philosophy and Film*, Routledge, Londres.
- CLAVELL, James (1981), *Noble House*, Delacorte Press, Nova Iorque.
- FOUCAULT, Michel (1986), "Of Other Spaces", *Diacritics*, vol. 16, n. 1, pp. 22-27.
- FRY, Joseph "Diary" (1875), in Jeanie Mort Walker (ed.), *Life of Capt. Joseph Fry: The Cuban Martyr*, The J. B. Burr Publishing Co, Hartford.
- GEERTZ, Clifford (1993), *The Interpretation of Cultures: Selected Essays*, Fontana Press, Londres.
- GEERTZ, Clifford (1988), *The Predicament of Culture: Twentieth-Century Ethnography, Literature, and Art*, Harvard University Press, Cambridge.
- GRIFFIN, Eldon (1938), *Clippers and Consuls: American Consular and Commercial Relations with Eastern Asia 1845-1860*, Edward Brothers, Ann Arbor.
- HAWKS, Francis L. (1856), *Narrative of the Expedition of an American Squadron to the China Seas and Japan*, D. Appleton and Company, Nova Iorque.
- HEINE, William (1990), *With Perry to Japan: A Memoir*, University of Hawaii Press, Honolulu.

- HUANG, Yunte (2002), *Ethnography, Translation and Transpacific Displacement: Intertextual Travel in Twentieth-Century American Literature*, University of California Press, Berkeley.
- ISER, Wolfgang (1978), *The Act of Reading: A Theory of Aesthetic Response*, John Hopkins University Press, Baltimore.
- JAUSS, Hans Robert (1982), *Toward an Aesthetic of Reception*, University of Minnesota Press, Minneapolis.
- JORDAN, John W. (ed.) (1911), *Colonial Families in Philadelphia*, Lewis Publishers, Nova Iorque.
- LEHAN, Richard (1998), *The City in Literature: An intercultural and cultural history*. University of California Press, Los Angeles.
- LYNCH, Kevin (2000), *The Image of the City*, Harvard MIT Joint Center for Urban Studies, Cambridge-Massachusetts.
- MARCUS, G. E. e M. J. Fischer (1996), *Anthropology as Cultural Critique*, The University of Chicago Press, Chicago.
- MASON, Peter (1998), *Infelicities: Representations of the Exotic*, Baltimore: The John Hopkins University Press.
- NASH, Gary B. (2002), *First City: Philadelphia and the Forging of Historical Memory*, University of Pennsylvania Press, Filadélfia.
- PADDISON, Ronan (ed.) (2001), *Handbook of Urban Studies*, Sage, Londres.
- PORTEOUS, John Douglas (1985), "Smellscape", *Progress in Human Geography*, vol. 9:3, p. 356-78.
- PORTEOUS, John Douglas (1990), *Landscapes of the Mind: Worlds of Sense and Metaphor*, University of Toronto Press, Toronto.
- PREBLE, George Henry (1962), *The Opening of Japan. A Diary of Discovery in the Far East, 1853-1856*, University of Oklahoma Press, Norman.
- PUGA, Rogério Miguel (2010), «The Camões 'Cave' in Anglophone Travel Writing», *Journal of Sino-Western Cultural Studies*, vol. 2.18, pp. 31-44.
- PUGA, Rogério Miguel (2012), s. v. "Soundscape (Paisagem Sonora)", in *E-Dicionário de Termos Literários*, coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9, <<http://www.edtl.com.pt>> (consultado em 10-11-2012).
- PUGA, Rogério Miguel (2012), «"Every Fresh Object Was Amusing": Representações Sonoras de Portugal em *Travels Through Portugal and Spain, during the Peninsular War* (1820), de William Graham», in A. P. P. Vicente (coord.), *XX Colóquio de História Militar. A Guerra Peninsular em Portugal (1810-1812)*, vol. 1, Comissão Portuguesa de História Militar, Lisboa, pp. 223-234.
- RODAWAY, Paul (2002), *Sensuous Geographies: Body, Sense and Place*, Routledge, Nova Iorque.
- SAID, Edward (1978), *Orientalism*, Penguin Boos, Londres.
- SCHAFER, R. Murray (1993), *The Soundscape: Our Sonic Environment and the Tuning of the World*, Destiny Books, Rochester.

- SECRETARY OF THE NAVY (1851), *Register of the Commissioned and Warrant Officers of the Navy of the United States, Including Officers of the Marine Corps, and Others for the Year 1851*, C. Alexander-Secretary of the Navy, Washington.
- TEIXEIRA, Padre Manuel (1977), *Macau através dos Séculos*, Imprensa Nacional, Macau.
- THOMSON, J. (1875), *The Straits of Malacca, Indo-China and China or Ten Years' Travels, Adventures and Residence Abroad*, Sampson Low, Londres.
- THOMPSON, Emily Ann (2004), *The Soundscape of Modernity: Architectural Acoustics and the Culture of Listening in America, 1900-1933*, MIT Press, Cumberland, 2004.
- TOMES, Robert (1857), *The Americans in Japan: An Abridgment of the Government Narrative of the U. S. Expedition to Japan, Under Commodore Perry*, D. Appleton, Nova Iorque.
- TUAN, Yi-Fu (1974), *Topophilia*, Prentice-Hall, Englewood Cliffs.
- THÜSEN, Joachim von der (2005), «The City as Metaphor, Metonym and Symbol», in Valeria Tinkler-Villani (ed.), *Babylon or New Jerusalem? Perceptions of the City in Literature*, Rodopi, Amesterdão, 2005, pp. 1-12.
- TOLLEY, Kemp (2000), *Yangtze Patrol: The U. S. Navy in China*. Naval Institute Press, Annapolis.
- WALKER, Jeanie Mort (ed.) (1875), *Life of Capt. Joseph Fry: The Cuban Martyr*, The J. B. Burr Publishing Co, Hartford.
- WATHEN, James (1814), *Journal of a Voyage in 1811 and 1812, to Madras and China*, J. Nichols, Son and Bentley, Londres.